

LE BASSIN DE J.W. / 1997 (*A Bacia de John Wayne*)

um filme de João César Monteiro

Realização: João César Monteiro / **Argumento:** João César Monteiro, com textos de August Strindberg, Pier Paolo Pasolini, anónimo esquimó, Teixeira de Pascoaes e André Breton / **Direcção de Fotografia:** Mário Barroso / **Guarda-Roupa:** Isabel Quadros / **Música:** Anónimo medieval, Antonio Vivaldi, Johann Strauss pai, Sergei Prokofiev, Richard Wagner, Gioacchino Rossini, Giuseppe Verdi, Jacques Brel e Felix Mendelssohn / **Som:** Jean-Claude Laureux / **Mistura:** Joaquim Pinto / **Montagem:** Carla Bogalheiro / **Interpretação:** Hugues Quester (Jean de Dieu / Lucifer), Pierre Clémenti (Paul / Henrique), Joana Azevedo (Catarina / Ariane), Jean Watan [João César Monteiro] (Henrique / João de Deus), João, o Obscuro [João César Monteiro] (Deus / Max Monteiro), Manuela de Freitas (prostituta), Graziela Delerm (Mariane), Luís Pavão (crítico de teatro), Alexandre Melo (repórter televisivo), Miriam Szabo (bailarina), Marie Makhanko (Uriel), etc.

Produção: Fábrica de Imagens - Euripide Productions / **Produtores:** José Mazedo, Daniel Toscan du Plantier e Frédéric Sichler / **Produtores Executivos:** José Mazedo e Jean-Pierre Saire / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, em 35mm, colorida, falado em francês e português com legendas em português, 134 minutos / **Estreia Mundial:** Paris, Outubro de 1997 / **Estreia em Portugal:** Quarteto (Lisboa), a 30 de Janeiro de 1998.

Depois de **Recordações da Casa Amarela** João César Monteiro realizou **O Último Mergulho**. Faz todo o sentido que este **Le Bassin de J.W.** tenha surgido depois, na sequência de **A Comédia de Deus**. **O Último Mergulho** auto-apresentava-se como "um esboço de filme", proclamando uma certa discrição e uma relativa menoridade de tom, como se assinalasse um tempo de retemperação de forças entre duas obras possuidoras de um fôlego muito maior. Em termos meramente formais, **O Último Mergulho** era, por oposição às "catedrais" (as **Recordações**; a **Comédia**), uma espécie de "capela imperfeita" – como se o espaço para a "abóbada" unificadora tivesse sido, voluntariamente, deixado em branco, não apenas transformando-se em sinónimo de "abertura" mas, sobretudo, pondo em evidência as marcas do trabalho e chamando a atenção para os inúmeros pequenos embriões formais que nele se continham; a ideia da "perfeição", entendida como gestão uniforme de várias linhas de tensão, ficava completamente desenquadrada, e não deve ser, em caso algum, tomada como aferição dos resultados concretos a que se chegou. **Le Bassin de J.W.** parece emparelhar com **O Último Mergulho**: também aqui podia haver uma legenda a falar de "esboço", também João César Monteiro prefere trabalhar a polimorfia, como se o filme avançasse não pela condensação de energia até uma hipotética "explosão" final, mas antes através de vários pequenos "vulcões" cujo fulgor incandescente percorre e pontua toda a obra. Porventura de modo mais contundente do que em **O Último Mergulho**, **Le Bassin de J.W.** é uma sucessão de diferentes esboços para diferentes filmes. Talvez por isso tenha sido tão mal acolhido por quem, até então, de João César Monteiro só tinha dito bem – o caso dos *Cahiers*, que confundiu uns e pôs outros a esfregar as mãos, deu brado.

E são muitos os filmes de **Le Bassin de J.W.**, em pleno acordo com a jubilatória celebração de todas as suas mutações formais – assim como são muitos os filmes e os cineastas que evoca, da égide de John Ford prefigurada no título às sombras fantasmagóricas de Murnau, dos chapéus-de-chuva de Jacques Demy à elasticidade corporal de Buster Keaton, sem esquecer a dedicatória expressa a Jean-Marie Straub e Danièle Huillet. É evidente que um filme assim está muito próximo da mais completa anarquia, levada a um ponto tal que as fronteiras com a mais pura provocação se esbatem por completo. É claro que João César Monteiro o sabe, e se cruza (mais do que uma vez) essa fronteira o faz em plena consciência: em termos formais (a sequência inicial, filmada de tão longe que "não se vê nada"; o momento, mais tarde, em que o filme se transforma na leitura dos diálogos de um *outro filme* que é, ao mesmo tempo, *este*) e em termos "morais", com as cenas, que ofenderam tanta gente, em que o próprio urina para a câmara ou em que bebe "chá escocês" por uma caneca de gosto muito duvidoso. Mas João César Monteiro (premonitoriamente?) também sabia que os tempos não eram muito propícios a provocadores, e que é muito provável que um filme como **Le Bassin de J.W.** só "caiba" na imensidão desértica de um lugar como o Pólo Norte – "J'ai revê que John Wayne jouait merveilleusement du bassin au Polé Nord" é a frase de Serge Daney que serve de epígrafe, mote e "âncora" a toda a organização do filme. É lá que o filme acaba, num Pólo Norte *de cinema*, não por acaso muito parecido com um cenário de "western", último e único refúgio possível para uma personagem que escolhe auto-exilar-se e olha para o que deixou atrás numa mescla de condescendência e desprezo profundo. **Le Bassin de J.W.** é o filme em que João César Monteiro cria o seu próprio limbo, espécie de não-lugar que é ao mesmo tempo todos os lugares do mundo.

Tarefa de cineasta-Deus? Precisamente, e é a vestir essa pele que Monteiro entra no filme, através de uma revisão da criação do mundo encenada a partir de Strindberg (o mistério *Coram Populo*, que antecede o *Inferno*). Aí, Monteiro é, literalmente, Deus, mas um Deus louco e cruel que criou o mundo e os seres humanos para a sua própria diversão. Numa sequência belíssima e admiravelmente filmada, vemos como Lúcifer é que era virtuoso, e que se caiu foi por ter ido ao Paraíso (travestido de serpente ou não) advertir Adão e Eva e explicar-lhes que o mundo era um sítio desagradável, que os humanos estavam condenados ao sofrimento. O mundo está corrompido desde o início – qualquer hipótese em contrário é mera aparência.

Le Bassin de J.W. é um filme nada meigo para Portugal (que, afinal, é o sítio que as personagens trocam pelo Pólo Norte): o retrato é arrasador ("sou português, fui enganado", "esta piolheira") e, por vezes, alegórico. Como na fabulosa sequência do cabaret "Maxhimself", onde o bacalhau de Quim Barreiros existe ao mesmo nível do hino da Mocidade Portuguesa. Esta, como outras sequências (a inenarrável entrevista feita pela "tê-que-não-vê", como se diz no genérico) exprimem uma amargura fundamental que, apesar dos disfarces mais ou menos humorísticos, mais ou menos provocadores, percorre **Le Bassin de J.W.** de uma ponta a outra: afinal, as últimas imagens, depois da fuga para o Pólo Norte, mostram os desfiles nazis depois da tomada de Paris. Portugal, território ocupado, derradeira afirmação antes do exílio. Mas território ocupado, também, o cinema.

Se o tom é de amargura surgem de quando em quando pequenos momentos de pura celebração. De quê? De uma liberdade só encontrada no cinema (e estamos de novo próximos da ideia do "cineasta-deus"): toda a sequência à beira-rio, com aquela espantosa dança de sombras "à cinema mudo", ou belíssimo plano da valsa a três ao som da *Valse à Mille Temps* de Jacques Brel. Também o filme de João César Monteiro é assim, "a mil tempos", a provar que o cinema ainda pode ser um espaço de liberdade e invenção, apesar da vigilância das forças ocupantes. É pena (lembrando a curtíssima presença do filme em cartaz) é que sejam cada vez menos aqueles que se interessam por tal coisa. Aos outros, resta talvez o Pólo Norte. E neste caso não estamos a empregar nenhuma metáfora.

Luís Miguel Oliveira